

# ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

## 1 INTRODUÇÃO

Esta análise tem como objetivo a apresentação de um panorama geral do mercado de trabalho brasileiro em 2013, utilizando como base, principalmente, os indicadores da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Complementarmente serão utilizadas as informações da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED), do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), e do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). A evolução dos principais indicadores de desempenho do mercado de trabalho será interpretada à luz dos resultados obtidos nos anos anteriores, focando principalmente no ano de 2012.

A fim de balizar os resultados sobre o desempenho do mercado de trabalho, será feita uma breve descrição do ambiente macroeconômico em 2013.<sup>1</sup> O último resultado disponível para o produto interno bruto (PIB), referente ao terceiro trimestre de 2013, mostra um aumento de 2,15% ante o mesmo período do ano de 2012. Embora inferior ao valor registrado no segundo trimestre (3,28%), a variação anual registrada para o terceiro trimestre de 2013 é superior às registradas para o primeiro trimestre de 2013 e os últimos três trimestres de 2012. O mesmo padrão se repete quando se analisam os dados trimestrais de variação anual do investimento real – sugere uma tendência de recuperação do nível de atividade, ainda que tímida e acompanhada de alguma volatilidade.<sup>2</sup> O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), indicador oficial para a meta de inflação, registrou variação de 5,91% em 2013, permanecendo, portanto, num patamar semelhante ao registrado em 2012 (5,84%).

Essa tendência de recuperação relatada para o nível de atividade aparece no mercado de trabalho na passagem do primeiro para o segundo semestre de 2013. Indicadores como taxa de desemprego, nível de ocupação e rendimentos mostram uma desaceleração no ritmo de melhora e até uma deterioração no primeiro semestre, para em seguida, no segundo semestre, apontar tendências de melhora compatíveis com o padrão que vigorava nos anos anteriores. Uma notável exceção a esse quadro geral ocorre com a taxa de informalidade que seguiu em queda durante todo o ano de 2013, num ritmo semelhante ao dos anos anteriores.

## 2 TAXA DE ATIVIDADE

O gráfico 1 ilustra a evolução da taxa de atividade ao longo dos anos de 2010 a 2013.<sup>3</sup> Nota-se que, em 2013, esta taxa oscilou em torno de 57,1%, o que representa um

1. Todos os números que fundamentaram esse panorama macroeconômico estão disponíveis na sinopse macroeconômica do Ipeadata. Disponível em: <[www.ipeadata.gov.br](http://www.ipeadata.gov.br)>.

2. Esse diagnóstico é feito com mais detalhes no número 21 da *Carta de conjuntura* do Ipea (dezembro de 2013). Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/cc21\\_completa.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/cc21_completa.pdf)>.

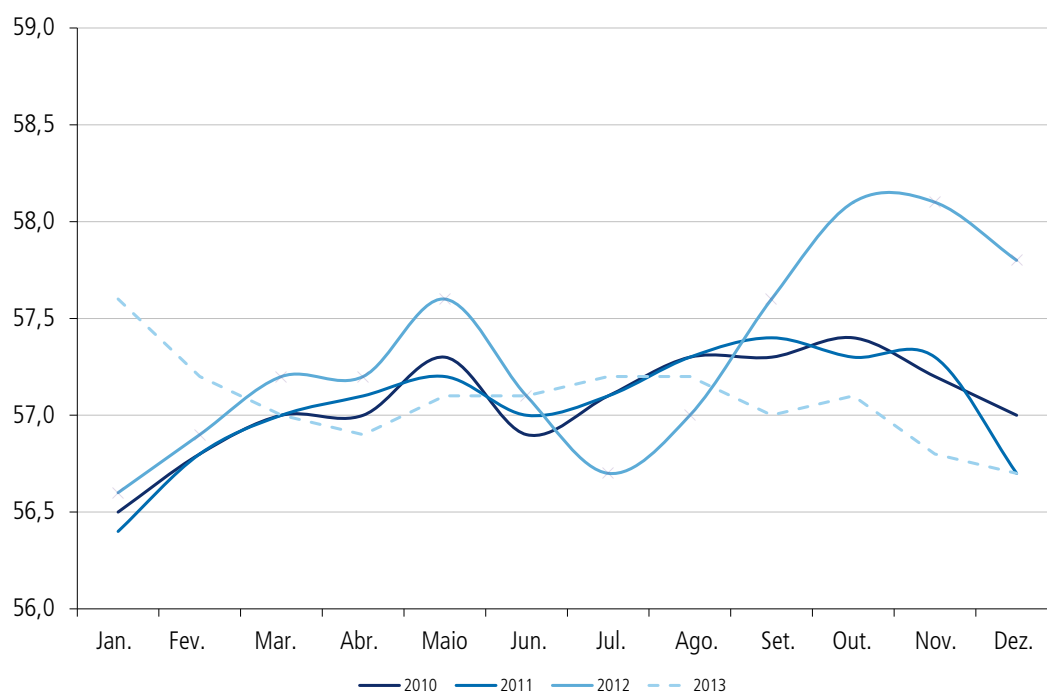
3. Taxa de atividade ou taxa de participação é a porcentagem da população economicamente ativa (PEA) em relação à população em idade ativa (PIA).

valor inferior à média observada em 2012 (57,3%). Vale destacar o contraste entre o panorama que prevalecia no primeiro trimestre e aquele referente ao quarto trimestre. Nos primeiros meses de 2013, a taxa de atividade registrou valores mais altos que nos anos anteriores, enquanto o inverso ocorreu nos últimos meses do ano. Entre dezembro de 2012 e dezembro de 2013, houve um recuo de 1,1 ponto percentual (p.p.) nesse indicador, que passou de 57,8% para 56,7%.

GRÁFICO 1

**Taxa de atividade (2010-2013)**

(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Na análise comparativa entre os períodos de tempo, por região metropolitana (RM), a taxa de atividade aumenta apenas para o Rio de Janeiro (0,30 p.p.). Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre registram queda (-0,10 p.p., -0,20 p.p., -0,90 p.p., e -0,80 p.p., respectivamente). Não há alteração na taxa de atividade para São Paulo.

Para se entender melhor a evolução dessa taxa média entre 2012 e 2013, é interessante desagregá-la segundo características da força de trabalho, com o intuito de identificar algum grupo cuja influência sobre a evolução da taxa agregada tenha sobressaído.<sup>4</sup> Na repartição por sexo, as mulheres apresentaram um aumento de 0,1 p.p.; para os homens, observou-se uma queda de 0,3 p.p. Na desagregação por idade, indivíduos entre 25 e 49 anos passaram a ter menos força no mercado de trabalho, com uma redução de 0,20 p.p. Cabe destacar que a taxa de atividade da faixa de indivíduos de 18 a 24 anos foi a que mais caiu no período (-0,80 p.p.). Na composição por escolaridade, o grupo de indivíduos com menos de oito anos de estudo apresentou um aumento na participação de 0,39 p.p. O grupo com instrução de oito a dez anos apresentou uma queda de 1,33 p.p., e o grupo de indivíduos com mais de onze anos de estudo sofreu uma redução de 0,52 p.p. em sua participação.

4. Os dados estão disponíveis no anexo estatístico.

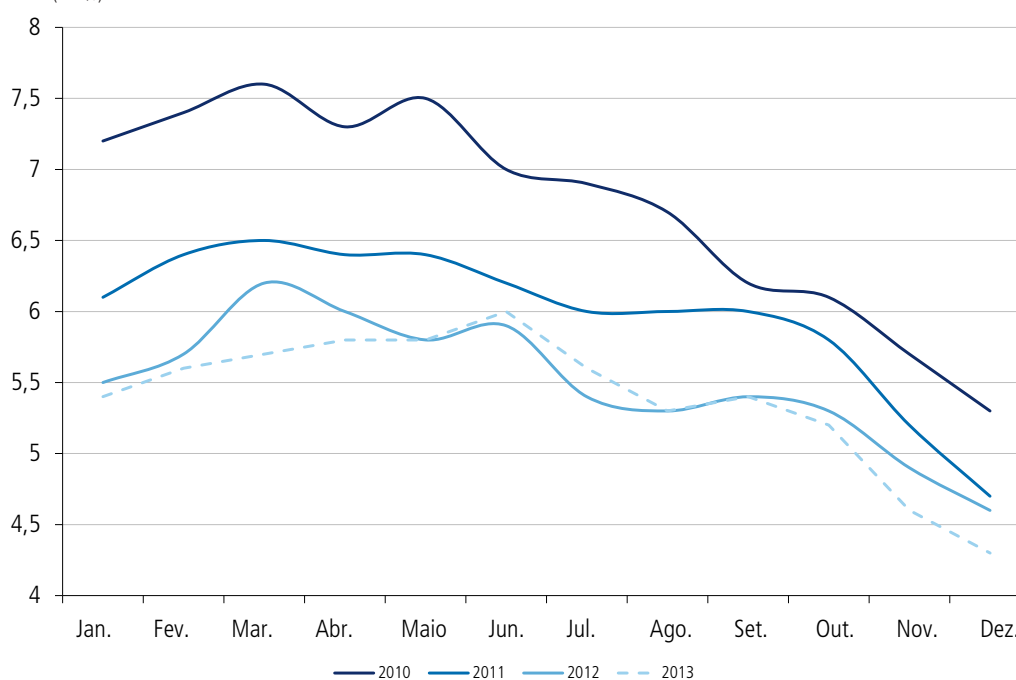
### 3 TAXA DE DESEMPREGO

Como mencionado na seção introdutória deste texto, a taxa de desemprego registrou valores, em 2013, ligeiramente mais baixos que os computados em 2012. O valor médio das taxas de desemprego mensais em 2013 foi de 5,4%, enquanto em 2012 foi de 5,5%, tendo inclusive ficado, em alguns meses, acima do valor das taxas de 2012. Este fato destoa do que vinha ocorrendo nos anos anteriores, quando a taxa de desemprego de um ano era sistematicamente mais baixa que a do ano anterior. O gráfico 2, que mostra a evolução da taxa mensal de desemprego nos últimos anos, ilustra bem esse ponto. Outro registro digno de nota é que o desemprego fechou o ano de 2013 em 4,3%, o seu menor patamar desde a implantação da metodologia atual da PME, em 2002.

GRÁFICO 2

#### Taxa de desocupação (2010-2013)

(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

Um ponto adicional merece ser destacado em relação à trajetória do desemprego nos últimos meses de 2013. Nesse período, a taxa de desemprego se distancia daquela registrada no mesmo período de 2012, o que pode sugerir uma retomada do ritmo de queda nas taxas de desemprego que se vinha experimentando nos anos anteriores. No entanto, é bom notar que a taxa de atividade era substancialmente menor no último trimestre de 2013 do que em 2012. Ou seja, o mercado de trabalho estava menos pressionado por geração de novos postos no último trimestre de 2013 em relação a seu padrão recente.

Entre as RMs cobertas pela PME, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre apresentaram taxas médias de desemprego menores em 2013 do que em 2012. O Rio de Janeiro foi a região que apresentou maior queda (-0,49 p.p.), enquanto Recife e Salvador foram as que tiveram aumento (0,42 p.p. e 0,87 p.p., respectivamente).

As taxas de desemprego apuradas pela PED/Dieese confirmam o quadro analisado anteriormente. Na comparação das médias anuais, São Paulo e Porto Alegre apresentaram

uma taxa de desemprego menor em 2013 (-0,4 p.p., e -0,7 p.p., respectivamente). Salvador e Recife tiveram um aumento na taxa de desemprego (0,9 p.p., e 1,1 p.p., respectivamente).

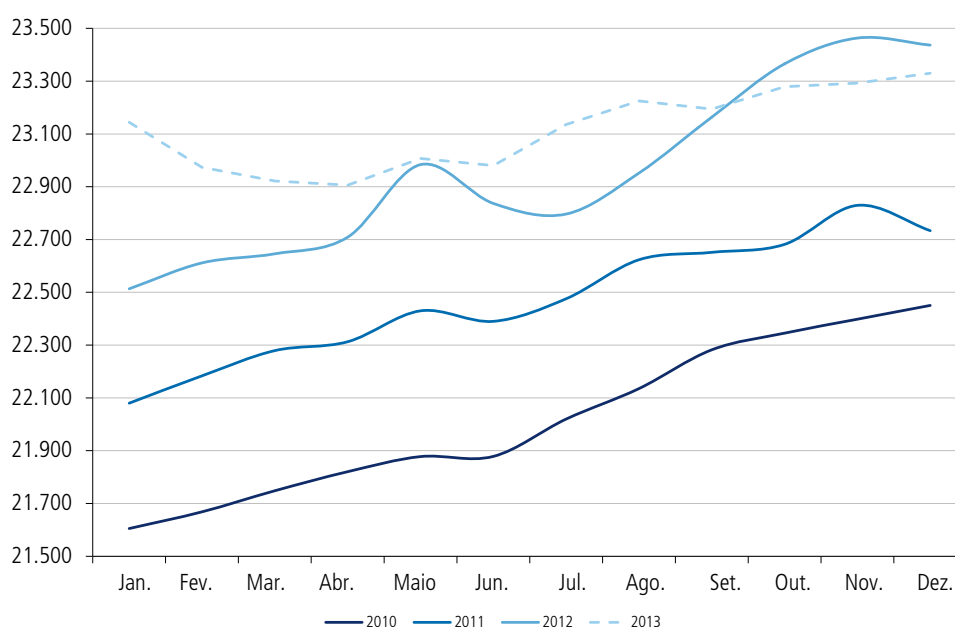
#### 4 OCUPAÇÃO E INFORMALIDADE

O nível de ocupação médio no ano de 2013 cresceu 0,7% em relação ao de 2012. Este fato corresponde à geração de 159 mil novos postos de trabalho em 2013. É possível notar no gráfico 3 que o crescimento da população ocupada em 2013 é menor do que aquele registrado para os anos anteriores. Chama a atenção, também, o nível de ocupação no último trimestre de 2013 ficar abaixo daquele registrado no último trimestre de 2012. Esses dois fatos podem ser interpretados como um sinal de alerta em relação ao ritmo de geração de empregos no Brasil metropolitano, além de deixar claro que a redução na taxa de desemprego no final do ano passado foi fruto da diminuição da pressão da oferta.

GRÁFICO 3

##### Número de ocupados (2010-2013)

(Em milhares)

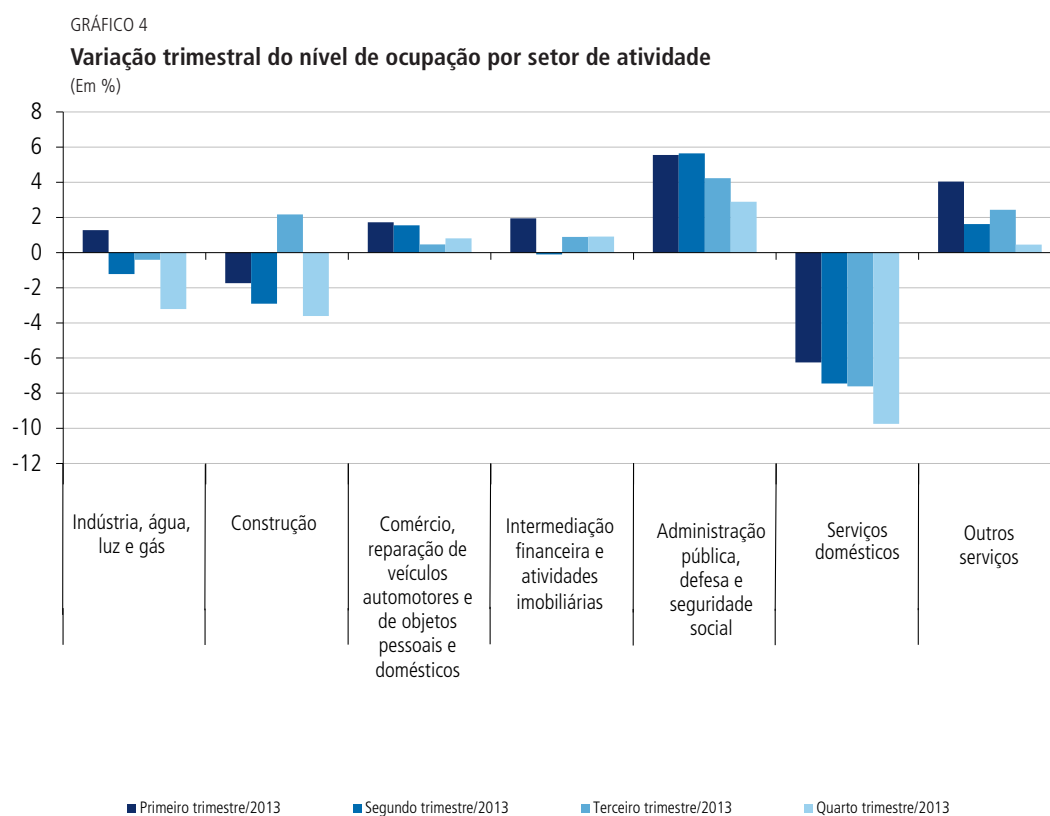


Fonte: PME/IBGE.

No entanto, uma análise mais atenta da evolução da população ocupada ao longo do ano de 2013 revela dois momentos muito distintos. No primeiro trimestre, houve um desempenho preocupante desse indicador, que aponta queda contínua de janeiro a abril. Esse padrão contrasta com uma tendência de aumento em igual período nos anos anteriores. Já o período de abril a dezembro de 2013 registra uma tendência de aumento similar àquelas registradas no mesmo período dos anos anteriores, à exceção de 2012, que apresenta um comportamento atípico, com ritmo de crescimento na população ocupada particularmente alto no segundo semestre. Ou seja, apesar de se chegar a dezembro de 2013 registrando um nível de ocupação (23,33 milhões) menor em cerca de 100 mil trabalhadores do que aquele registrado em dezembro de 2012 (23,44 milhões), a evolução no segundo semestre não parece inspirar maiores preocupações para fins de projeções acerca da evolução futura desse indicador.

Entre as RMs cobertas pela PME, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre tiveram variações positivas ao comparar o desempenho médio da ocupação de 2013 com valores médios de 2012. Nessa comparação, destaca-se a RM de Salvador, que obteve crescimento de 3,7% no período em estudo.<sup>5</sup> Recife e Belo Horizonte apresentaram uma queda de 0,2% e 1,5%, respectivamente.

No que diz respeito à evolução setorial da população ocupada entre 2012 e 2013, os resultados da PME baseados em médias anuais apontam para um alto grau de heterogeneidade entre os setores. Os números vão de um crescimento de 4,5% para a administração pública<sup>6</sup> a uma redução de 7,8% nos serviços domésticos. Outros setores com variação negativa foram construção (-1,6%), indústria<sup>7</sup> (-0,9%) e outras atividades (-0,4%). Para os demais setores, a variação se deu da seguinte forma: outros serviços<sup>8</sup> (2,1%), comércio<sup>9</sup> (1,1%) e intermediação financeira<sup>10</sup> (0,9%). O gráfico 4 permite vislumbrar mais detalhes da evolução da ocupação setorial, ao mostrar as variações anuais por trimestre entre 2012 e 2013. Entre os setores com variação de emprego negativa, vale ressaltar a volatilidade registrada ao longo do ano para indústria e construção, que chegam a assinalar variação positiva em ao menos um trimestre.



Fonte: PME/IBGE.

5. O crescimento das demais RMs pesquisadas entre 2013 e 2012: Rio de Janeiro, 0,7%; São Paulo, 0,8%; Porto Alegre, 1,4%.

6. Esse agrupamento abrange, além da administração pública, educação, saúde, serviços sociais, defesa e seguridade social.

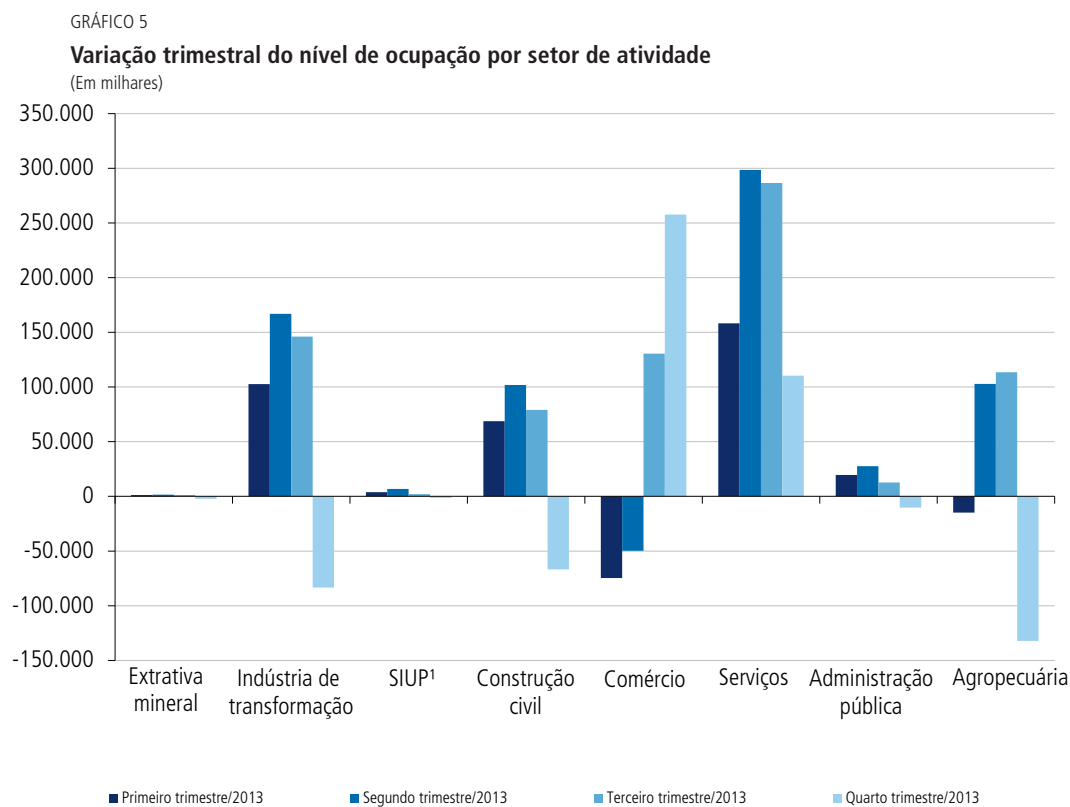
7. Nesse agrupamento, as atividades consideradas são de indústria extrativa e transformação, e produção e distribuição de eletricidade, gás e água.

8. Esse agrupamento abrange as seções de alojamento e alimentação, transporte, armazenagem e comunicação.

9. Esse agrupamento inclui, além das atividades de comércio, reparação de veículos automotores e de objetos pessoais e domésticos, e comércio a varejo de combustíveis.

10. Esse agrupamento abrange, também, os serviços prestados a empresas, aluguéis e atividades imobiliárias.

Com relação ao CAGED, os dados apresentaram impressões um pouco distintas das verificadas com base na PME. É importante frisar as diferenças de cobertura destas duas fontes de informação.<sup>11</sup> No gráfico 5, tem-se a análise trimestral da variação por setor de atividade dos anos de 2012 e 2013. Chamam a atenção as diferenças registradas para construção e indústria que, diferentemente do apresentado na PME, mostram variações positivas na maior parte do ano.



Fonte: CAGED/MTE.

Nota: <sup>1</sup> Serviços industriais de utilidade pública.

Analisando a evolução da população ocupada por posição na ocupação, o destaque positivo fica por conta dos empregados com carteira de trabalho assinada, que registraram um crescimento de 1,5% no ano de 2013 em relação a 2012, o que equivale, em valores absolutos, a aproximadamente 184 mil novos contratos. Na outra ponta, os empregados sem carteira registraram um decréscimo de 5,6%. Já o contingente de ocupados por conta própria registrou um crescimento de 1,1%.<sup>12</sup>

O contraste entre os resultados dos grupos de empregados com e sem carteira assinada contribui para a evolução do grau de informalidade. O nível de informalidade médio da população ocupada em 2013 ficou em 33%, o que representa uma queda de 1 p.p. em relação a 2012. O gráfico 6 apresenta a evolução mensal desse indicador nos últimos anos. Vale destacar uma tendência quase contínua de queda desse índice, que vem sendo a tônica nos últimos anos, à exceção de 2012, que apresenta um crescimento atípico nos últimos meses do ano. No mês de dezembro de 2013, a taxa de informalidade chegou a 32,4%, contra 34% em dezembro de 2012.

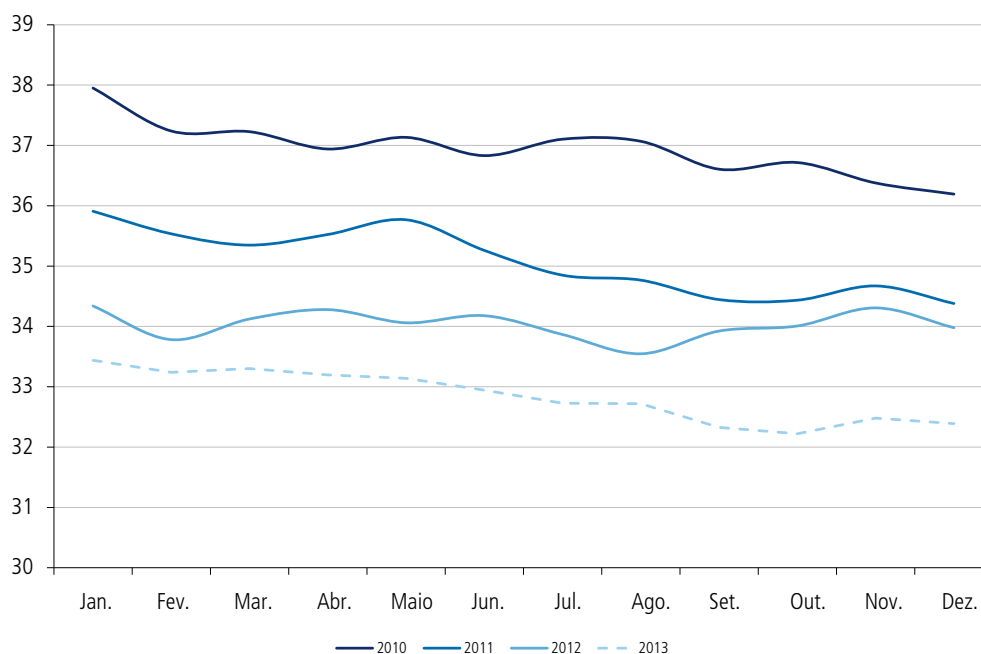
11. Por um lado, o CAGED cobre todo o território nacional; por outro, essa fonte de informação lida apenas com os vínculos formais.

12. Os empregadores e os militares e estatutários tiveram acréscimos de 5,5% e 0,1%, respectivamente.

GRÁFICO 6

**Evolução do grau de informalidade (2010-2013)**

(Em %)



Fonte: PME/IBGE.

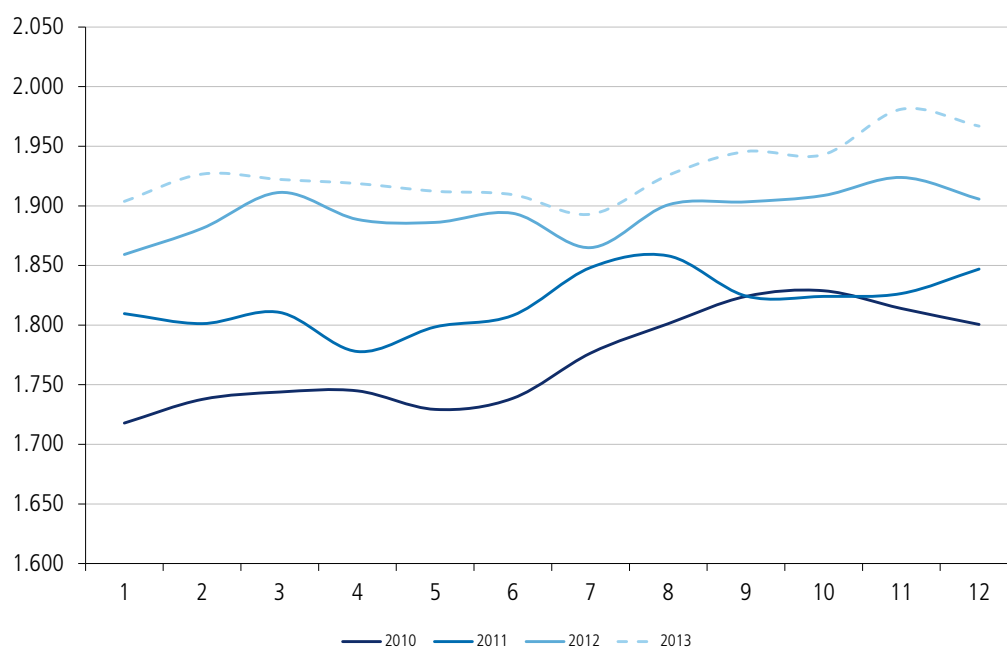
**5 RENDIMENTO E MASSA SALARIAL**

Na média de 2013, o rendimento médio real habitualmente recebido nas seis RMs analisadas na PME ficou em torno de R\$1.929,03, em valores de dezembro de 2013, apresentando um ganho de 1,9% em relação à média de 2012. A evolução mensal deste indicador nos últimos anos pode ser observada no gráfico 7.

GRÁFICO 7

**Rendimento médio real habitual (2010-2013)**

(Em R\$)



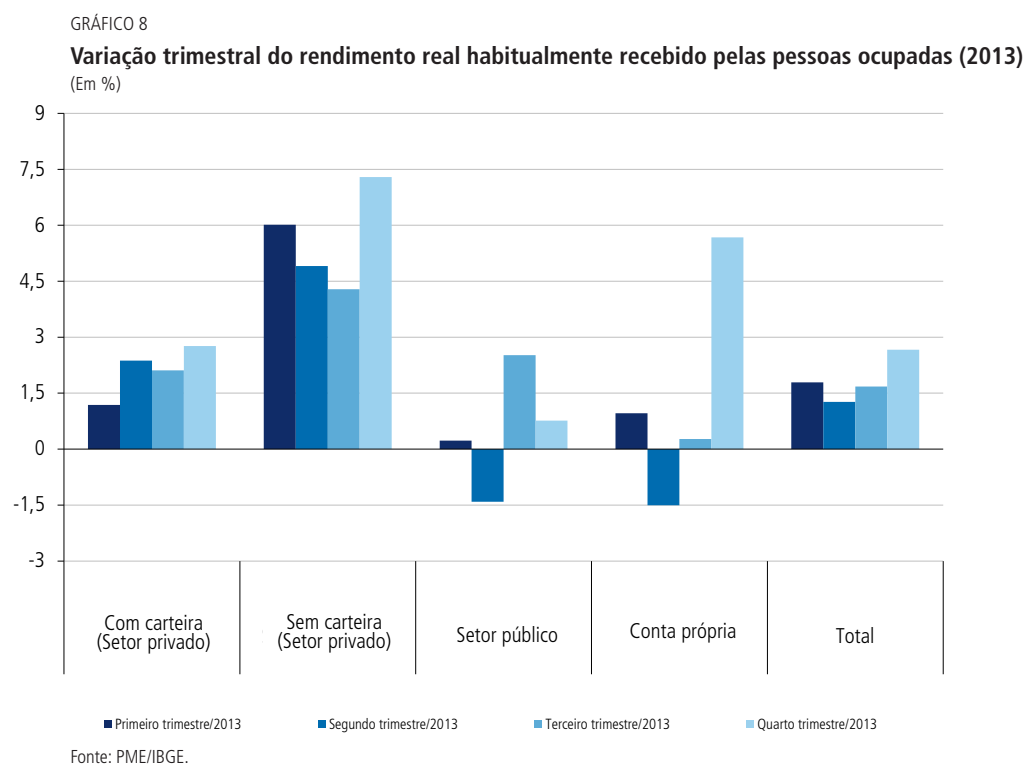
Fonte: PME/IBGE.

Duas observações parecem pertinentes a partir deste gráfico. Em primeiro lugar, a evolução desse indicador ao longo de 2013 é marcada por duas fases distintas, de forma similar ao apontado na análise da população ocupada. Até julho, o rendimento apresenta uma tendência de queda, chegando a cair por seis meses consecutivos entre fevereiro e julho. Já no segundo semestre de 2013, a tendência é de aumento, inclusive numa intensidade maior do que a registrada nos anos anteriores. Em segundo lugar, constata-se que o rendimento encontra-se em patamares superiores aos dos anos anteriores, em todos os meses, e alcança, em novembro, o seu maior valor para o ano de 2013, R\$1.981,10 (que vem a ser também o maior valor desde o início da pesquisa, em 2002).

No plano regional, quase todas as RMs tiveram variações positivas, com destaque para Porto Alegre, que registrou um aumento dos rendimentos de 5,2% entre 2012 e 2013, e Rio de Janeiro, com um crescimento de 3,9% no mesmo período. Salvador foi a única região que apresentou um decréscimo dos rendimentos no período: -6,8%. Recife e Belo Horizonte completam o quadro, com variações de 0,7% e 0,8%, respectivamente.

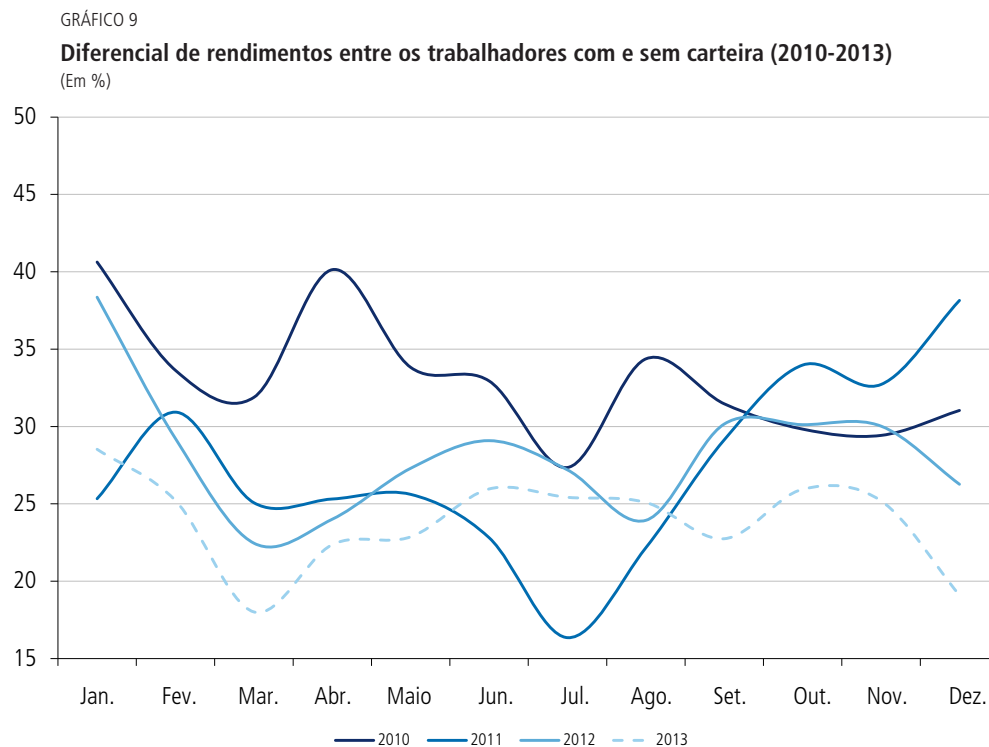
A elevação anual dos rendimentos foi registrada para todos os grupos por posição na ocupação. Vale notar que, entre 2012 e 2013, os rendimentos dos trabalhadores por conta própria cresceram 1,3%. Por sua vez, os rendimentos dos empregados do setor público cresceram 0,5%; e os do setor privado, 2,9%. A desagregação dos rendimentos deste último grupo mostra que os trabalhadores com carteira assinada tiveram um aumento de 2,1%, inferior à variação de 5,6% dos empregados sem carteira assinada.

No gráfico 8, verifica-se o comportamento da variação trimestral dos rendimentos em cada posição na ocupação ao longo de 2013. Nota-se que, com exceção do segundo trimestre do ano para os trabalhadores por conta própria, todos os segmentos de trabalhadores tiveram aumento dos rendimentos em todos os trimestres. O destaque ficou para os trabalhadores sem carteira assinada, que apresentaram um aumento nos seus rendimentos de 7,29% no quarto trimestre do ano.





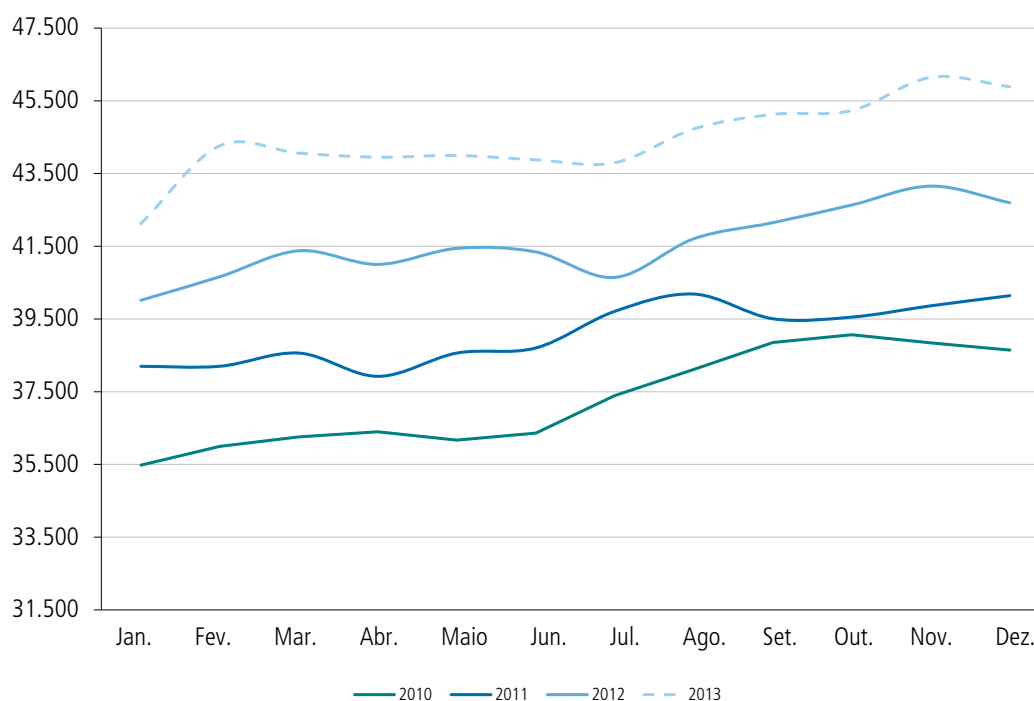
O gráfico 9 mostra a evolução do diferencial de rendimentos entre os trabalhadores com e sem carteira ao longo dos anos de 2010 a 2013. O gráfico permite observar que, em 2013, o diferencial médio entre esses rendimentos foi de 23,9%, valor inferior ao registrado em 2012 (28,2%). Vale ressaltar que o declínio verificado em 2013 pode marcar uma retomada na tendência de queda desse indicador nos anos anteriores e interrompida em 2012.



Fonte: PME/IBGE.

Tal como ocorreu com ocupação e rendimento, o crescimento de 2,6% da massa salarial entre 2012 e 2013 foi abaixo daquele registrado para os anos anteriores. O gráfico 10 mostra a evolução desse índice nos últimos anos. A evolução ao longo de 2013 traz um contraste entre uma tendência de queda no primeiro semestre e um crescimento no segundo semestre no mínimo compatível com o padrão apresentado nos anos anteriores.

GRÁFICO 10  
**Massa salarial**  
 (Em bilhões)



Fonte: PME/IBGE.

## 6 CONCLUSÃO

A maioria dos indicadores do mercado de trabalho analisados aponta um ritmo de melhora em 2013 aquém daqueles verificados em anos anteriores, quando mensurado pela comparação das médias anuais. Esse é o caso da taxa de desemprego, do nível de ocupação e do rendimento real. No que concerne a esses dois últimos indicadores, no entanto, uma observação mais atenta aponta que a evolução ao longo do ano traz dois padrões bem distintos nos dois semestres. O primeiro semestre é marcado por tendências de piora, atípicas em relação ao mesmo período dos anos anteriores, enquanto o segundo é marcado por tendências de melhora compatíveis com o padrão vigente nos anos anteriores. Ou seja, prognósticos para a evolução do mercado de trabalho brasileiro em 2014, baseados na comparação de médias anuais dos indicadores, tendem a ser mais pessimistas que aqueles fundamentados na evolução observada no segundo semestre de 2013.

Com relação a prognósticos envolvendo a taxa de desemprego, é necessária uma ressalva em outra direção. O fato de esta taxa fechar 2013 no menor valor da série histórica, e ir se afastando, nos últimos meses do ano, das respectivas taxas de 2012, pode inspirar prognósticos excessivamente otimistas se não for levado em conta que a taxa de participação esteve muito baixa nos últimos meses de 2013. De fato, a evolução da taxa de desemprego no curto prazo dependerá muito do comportamento da taxa de participação que reflete o lado da oferta de trabalho, haja vista que, pelo lado da demanda, os prognósticos para os indicadores de atividade econômica apontam para um crescimento moderado, ainda que em um nível superior ao de 2013.